

7

O DISCURSO PERSUASIVO NO FILME AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA¹

THE PERSUASIVE DISCOURSE IN THE MOVIE THE CHRONICLES OF NARNIA: THE LION, THE WITCH AND THE WARDROBE

Joyce Soares de Paula

Pós Graduada do Curso de Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade de Franca (Unifran).

Marilurdes Cruz Borges

Mestre em Linguística pela Universidade de Franca (Unifran).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo elaborar uma leitura crítica do filme *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* baseada nas teorias do dialogismo e do ato/atividade e evento de Mikhail de Bakhtin. Nessa leitura, almeja-se analisar o discurso persuasivo e a maneira como ele se apresenta ao leitor/espectador. Para tal realização foi necessário assistir ao filme dublado em língua portuguesa, e as falas foram anotadas para análise. Tais falas são dos irmãos Pevensie, assim como das criaturas de Nárnia em prol de seus objetivos comuns e particulares. Este trabalho justifica-se pela necessidade de auxiliar no processo de leitura das demais obras relacionadas a Nárnia e auxiliar também no processo de identificação de vozes, que podem

1 Obra de C. S. Lewis; dirigida por Andrew Adamson.

aparecer em outros discursos. Assim, cabe ressaltar que o ato/atividade e evento, e contextualização das vozes discursivas, de Mikhail Bakhtin, serão a base teórica para o cumprimento dos objetivos.

Palavras-chave: Crônicas de Nárnia; dialogismo; ato/atividade e evento.

ABSTRACT

This work aims at a critical comprehension of the movie *The Chronicles of Narnia: the lion, the witch and the wardrobe* based on Mikhail Bakhtin's dialogism and act/activity and event theories. In order to achieve this goal, it was necessary to watch the movie voiced in Portuguese and all the speech written down for analysis. Through the reading, it is necessary to analyze the persuasive discourse and the way it is presented to the reader/audience. This analysis consists of the discourse from the Penvenise brothers, such as the Narnia creatures, according to their own private and community goals. This research is justified by the need to help the reading process of the other masterpiece of *The Chronicles of Narnia* and to help in the voices identification process, which can rise in other discourses. So, it is important to emphasize that act/activity and event and the contextualization of discursive voices, from Mikhail Bakhtin's theories, are the theory base which provides the accomplishments of the goals.

Keywords: The Chronicles of Narnia; dialogism; act/activity and event.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo investigar o discurso persuasivo que determina comportamentos e atitudes de alguns personagens do filme, dublado em língua portuguesa, *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Para observar esses discursos, partiremos das concepções propostas pela Análise do Discurso e dos pensamentos de Mikhail Bakhtin, no que se refere a “gêneros do discurso” e à teoria do “ato/atividade e evento”.

Sabe-se que em cada enunciado pode haver a presença ou indícios de mais de uma voz, e isso depende, em grande parte, do conhecimento e da experiência, ou seja, da memória discursiva, do leitor/espectador. É preciso “ler” de forma crítica a todos os textos e enunciados com os quais o indivíduo se depara, pois somente assim ele poderá ser considerado um “leitor” ativo. Por isso, propo-nos a assumir esse papel de leitor ativo, e elaborar uma análise crítica do filme, verificando as vozes presentes e as vozes persuasivas que vão revelando nuances de personalidades e caráter dos personagens manipuladores e manipulados.

Tal investigação se justifica pela necessidade de auxiliar outras leituras da obra e demais sequências de *As Crônicas de Nárnia*. Além disso, este trabalho poderá auxiliar na leitura de outras obras, uma vez que a interdiscursividade está presente em tudo, seja nos gestos, nos enunciados, nas atitudes e, até mesmo, nos pensamentos.

Para conquistar tal objetivo, exporemos inicialmente uma pesquisa bibliográfica teórica que nos permitirá compreender as questões sobre gênero e sobre as vozes dialógicas, além de conhecermos a teoria do ato/atividade e evento, que nos proporcionará a análise concreta dos atos que resultam em eventos persuasivos, objeto de estudo deste trabalho. Na leitura do filme, seguiremos o procedimento de primeiramente assistir ao filme a fim de observar

as vozes persuasivas. No segundo momento, assistir ao filme para anotações dos enunciados mais importante à seleção do *corpus*. Na sequência, observar, nos recortes selecionados, os gestos e as atitudes das personagens que ilustram a persuasão. Após determinados os personagens e comportamentos representativos, daremos início à análise propriamente dita.

REVISÃO DE LITERATURA

A realização de uma leitura crítica, focada na análise do discurso, só é possível se considerarmos as várias vozes dos enunciados. No entanto, um mesmo enunciado e, até mesmo a forma como ele se apresenta, trará leituras diferentes, pois o sentido só é produzido através da relação entre o sujeito que enuncia e o sujeito a quem é enunciado, ou seja, segundo Bakhtin (1992) é a relação eu/outro que produz o sentido.

Para que o leitor, ou o espectador, construa o sentido, ele precisa levar em consideração os conhecimentos de mundo, sistêmico e atitudinal de seu interlocutor. As experiências que traz como sujeito faz com que este leitor ou espectador possa perceber intenções e vozes no outro. Portanto, este sujeito, por mais individual que seja, é também um sujeito coletivo, uma vez que todo ser é social e, pelo fato de a linguagem ser dialógica² um único enunciado pode agrupar vários sentidos.

Sabendo que todo discurso é histórico, pode-se reafirmar que a arte é mimética³, uma vez que sempre retomará alguns aspectos da vida, dentre eles, personagens boas ou más, se vistos sob a ótica do cotidiano, ou seja, se julgarem-se apenas alguns atos. Dessa maneira, é impossível se conhecer totalmente a personagem, pois apenas

² Mikhail Bakhtin, 1992

³ Aristóteles

são apresentados alguns fragmentos de sua existência. É dentro desse contexto que Bakhtin (1992, p. 25) afirma que:

[...] na vida, reagimos com um juízo de valor a todas as manifestações daqueles que nos rodeiam: na vida, todavia, nossas reações são díspares, são reações a manifestações isoladas e não *ao todo do homem*, e mesmo quando o determinamos enquanto todo, definindo-o como bom, mau, egoísta, etc., expressamos unicamente a posição que adotamos a respeito dele na prática cotidiana, e esse juízo o determina menos do que traduz o que esperamos dele [...] o que nos interessa não é o todo do homem, mas os atos isolados com os quais nos confrontamos e que, de uma maneira ou de outra, nos dizem respeito.

Para trabalharmos o conceito de ato/atividade e evento, é preciso esclarecer que, conforme declara Adail Sobral (2005, p. 13):

Em Bakhtin, ato/atividade e evento não se confundem com a ação física per se, ainda que a englobem, sendo sempre entendidos como agir humano, ou seja, ação física praticada por sujeitos humanos, ação situada a que é atribuído ativamente um sentido no momento mesmo em que é realizada.

Portanto, para que haja eventos, é preciso que haja atos/atividades. É nessa perspectiva que se realizará a análise de *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, o que significa que, além de uma análise dialógica, serão coletados os atos persuasivos e já se pode declarar que são eventos o que dos atos persuasivos resultam. E, para que haja a maior cobertura possível do caráter e da personalidade das personagens principais, faz-se essencial colocar-se tanto no lugar dos heróis como dos tidos por vilões, refletindo assim sobre as justificativas que os levam a agir como o fazem, defendendo assim seus objetivos.

2 DISCUSSÃO

Executar uma proposta de análise crítica requer que todo o con-

texto seja trabalhado. Assim, juntar-se-á aos enunciados analisados um resumo do filme, que será dividido em sete partes, para melhor situar o leitor.

2.1 NA INGLATERRA

A obra, dirigida por Andrew Adamson, adaptada da obra de C. S. Lewis, se inicia com uma batalha da II Guerra Mundial (1439-1945). Há aviões bombardeiros sobrevoando a casa da família Pevensie. A mãe dos protagonistas, Pedro – o Magnífico; Susana – a Gentil; Edmundo – o Justo e Lúcia – a Destemida acaba os enviando para o porão. Por causa desse contexto histórico, os irmãos são enviados para o interior da Inglaterra, onde não há aviões bombardeiros nazistas, nem conflitos terrestres.

O discurso persuasivo aparece já na segunda cena do filme: enquanto na ferroviária, a Sra. Pevensie se despede de seus filhos, e pede a Pedro, comovida: “Prometa que vai tomar conta deles!” (NÁRNIA, 2004).

Esse enunciado, além de caracterizar-se como uma súplica de uma mãe que talvez não verá jamais seu filho, é reforçado por remeter o espectador ao discurso religioso, uma vez que é comum em várias religiões, os fiéis fazerem promessas às entidades sacras. Ao fazer tal pedido, a mulher entrega ao filho a responsabilidade que era dela, ou seja, educar e criar as crianças menores, já que ela não viajará com eles.

A mãe continua pedindo aos demais filhos para que se comportem e sejam disciplinados na casa do professor. Todos concordam prontamente, exceto Edmundo, que ao ouvir: “Vai obedecer seu irmão, não vai Edmundo?” (NÁRNIA, 2004) se mantém em silêncio.

Pedro é o primeiro a ser persuadido pelo rogo da mãe, uma vez que, assim que ele concorda em cuidar dos irmãos mais novos, já começa a exercer seu papel de pai, como em: “Rápido, Lúcia! Nós

temos que ficar juntos agora. Vai dar tudo certo! Vai ficar tudo bem!”(NÁRNIA, 2004).

O fato de Pedro ter sido prontamente persuadido a zelar pela família reflete o comportamento da época da II Guerra Mundial em que garotos se tornavam homens assim que fosse necessário, pois deles se esperava responsabilidade e sacrifício da própria juventude.

Os irmãos Pevensie embarcam no trem e descem na Parada Coombe, em que precisam esperar por muito tempo até a governanta Marta, da casa do Professor Kirke, onde os garotos ficarão hospedados, chegue em uma charrete para apanhá-los. Assim que os encontra, a governanta já demonstra rispidez e autoritarismo. Quando chegam à casa do Professor, Marta (NÁRNIA, 2004, cena 2) de maneira incisiva e autoritária impõe as regras para as crianças:

O professor Kirke não está acostumado a ter crianças em casa. Portanto, existem regras a serem seguidas: é proibido gritar e correr! Nada de ficar brincando no elevador manual. Nããão toque nos artefatos históricos e, acima de tudo, vocês nunca devem incomodar o professor!

Pela forma com que a governanta esbraveja tal enunciado, pode-se concluir que ela é fruto de uma criação em que as crianças deveriam ser afastadas dos adultos, pois a rigidez das famílias era absoluta. Assim, ela pretende realmente afastar os garotos do Professor e de si mesma, de modo que ninguém pudesse se apegar a elas. Outra voz presente em tal discurso é a voz da frustração, pois a governanta, já madura o suficiente, sem aliança nos dedos e residente no emprego, pode não ter tido filhos, contrariando assim um costume social das décadas de 1930/1940 em que a maioria das mulheres não trabalhava fora de casa e cuidava dos muitos filhos a quem dera à luz.

Antes de passarem a primeira noite naquela nova morada, Lúcia está deitada em uma cama, com ar triste, enquanto Pedro ouve pelo

rádio notícias sobre a Guerra. Susana, então, desliga o rádio e vai ver Lúcia, que reclama sobre os lençóis. Os adolescentes entendem que ela não está reclamando apenas dos tecidos que a envolvem na cama e tentam consolá-la através de enunciados como: “Guerras não duram para sempre, Lúcia!” (NÁRNIA, 2004). “Voltaremos logo!” (NÁRNIA, 2004) e “você viu lá fora? Amanhã vai ser ótimo! Verdade!” (NARNIA, 2004).

O discurso persuasivo acima tem o intuito de tranquilizar a pequena acerca de sua nova situação, isto é, morar em uma casa estranha, estar longe da mãe, poder contar somente com seus dois irmãos mais velhos Pedro e Susana que precisou assumir o papel de mãe. Ao afirmar que os lençóis incomodam, Lúcia está afirmando que aquele não é o mundo dela e que ela não gostaria de estar ali. O incômodo vem de sua alma e a maneira como ela conseguiu exteriorizar a angústia foi através desse enunciado.

No dia seguinte, as crianças seguram um dicionário enorme e tentam brincar com as palavras dele, já que está chovendo e estão impedidas de brincar no jardim da mansão. É graças à chuva que Nárnia é descoberta pelas crianças.

Neste momento, o discurso persuasivo surge mais uma vez entre os quatro jovens e, dessa vez, é produzido por Lúcia, que pede: “Vamos brincar de pique-esconde?” (NÁRNIA, 2004). Pedro responde com ironia: “Mas já estamos nos divertindo à beça aqui!” (NÁRNIA, 2004). Isso faz com que Lúcia insista: “Vamos brincar? Por favorzinho!” (NÁRNIA, 2004). Imediatamente, Pedro começa a contar, dando tempo para que as crianças se escondam.

Como se pode notar, o discurso produzido pela criança tem a intenção de apelar para o lado sentimental do irmão mais velho. A

persuasão ocorre porque Lúcia é uma pessoa muito delicada e doce, o que a torna irresistível para os mais adultos.

Enquanto Pedro conta, Edmundo e Lúcia disputam um lugar atrás da cortina, mas Edmundo fica com a cortina ao afirmar que chegara ali primeiro. Isso faz com que a garotinha corra e se depare com um cômodo totalmente vazio, exceto pela presença de um móvel alto coberto por tecidos brancos. Num primeiro instante, a criança se assusta, mas movida pela curiosidade pueril, acaba por descobrir o móvel, revelando assim um guarda-roupa de madeira escura, local ideal para se esconder.

Após entrar no armário, é possível ouvir a voz de Pedro bem distante, ainda contando e esta serve de estímulo para que Lúcia se afaste cada vez mais, indo para o fundo do guarda roupa. Ela continua se afastando e tateando para não se machucar. Como não há fundo, acaba encontrando uma floresta coberta de neve. Assim ela percebe que o guarda roupa era, na verdade, um portal para uma terra mágica.

2.2 CONHECENDO NÁRNIA

Nárnia é uma terra mágica. Ela é coberta por neve, o Sol raramente aparece e, quando o faz, surge fracamente, impotente perante tanto gelo. Nesta terra, o tempo passa em um ritmo diferente do ritmo da Terra, pois por mais que a noção de tempo pareça a mesma para os humanos, os dias passam rapidamente. Isto significa que várias horas em Nárnia equivalem a alguns minutos na Terra. Nárnia é uma terra habitada por criaturas mágicas, como Faunos, Centauros, Dríades, Grifos, Minotauros e Gnomos. Além disso, todas as criaturas são dotadas de fala, inclusive os Castores, as Raposas, os Lobos, os Guepardos e os Leões. Nessa terra mágica, não existe hierarquia para aqueles que são bons, uma vez que todos podem servir e ajudar, inclusive Aslam, o verdadeiro rei da população oprimida pela Feiticeira

Branca, que se apresenta como rainha e é a responsável por toda a neve, ou seja, por toda a tristeza que reina nesse local.

Há em Nárnia dois extremos: o lado de Aslam, em que não há egoísmo, nem orgulho, onde os habitantes se respeitam e se ajudam mutuamente; do outro lado do rio, o mundo da Feiticeira Branca, glacialmente oposto ao mundo de Aslam, em que qualquer delito é punido com o congelamento originário da arma da líder suprema que, maquiavélica e egoísta, planejava bem seus atos. E é neste mundo mágico que Pedro é reconhecido como o Magnífico; Susana se torna a Gentil, Edmundo, o Justo e Lúcia, a Destemida.

Ao alcançar a floresta, Lúcia está admirada com as árvores cobertas de branco, com a camada de neve no chão e com os flocos que caem sobre seu cabelo. Ela começa a caminhar, maravilhada, e é atraída pela luz que emana de um poste que funciona a óleo, como as lâmparas. No instante em que se aproxima do poste, ela ouve passos se aproximando. Então, nota que se trata de alguém que caminha de forma descompassada, o que a deixa muito assustada. Ao se deparar com o fauno, a menina grita, levando-o a gritar também e a derrubar os pacotes que carregava.

Lúcia então, através de sua doçura, inicia novo ato persuasivo. Após os gritos, o fauno se esconde atrás de uma árvore e a garota atrás do poste de iluminação; isso pode revelar o estranhamento e o medo que sentem pelo desconhecido. O ato persuasivo ocorre sem palavras, uma vez que a menina caminha em direção à criatura vagarosamente, de maneira sutil e inocente, deixando claro que é inofensiva. Dessa maneira, ela recolhe um pacote que estava no chão com o intuito de devolvê-lo. Há, nesta cena, uma suave música de fundo, contribuindo para a produção de sentido.

Através da maneira como abordou o fauno, suave e doce, Lúcia o

convence a se aproximar também e a agir cordialmente. Ao se conhecerem, Tumnus, o fauno, convida a menina para um chá em seu abrigo: “O que acha de ir a meu abrigo tomar chá comigo?” (NÁRNIA, 2004). A garota recusa, afirmando que precisa voltar para sua casa, mas o fauno insiste: “Sim, mas fica tão pertinho. E vai ter uma lareira quentinha, com torradas, chá, e bolos e, talvez, abra uma lata de sardinhas” (NÁRNIA, 2004). A criança continua irredutível, o que faz com que o fauno a tente mais uma vez: “Venha, não é todo dia que eu faço uma nova amiga” (NÁRNIA, 2004). A garota aceita e segue o fauno.

No primeiro enunciado desse ato persuasivo, pode haver apenas um convite social, para se visitar alguém. Pode-se concluir que foi um convite feito apenas por educação. Como o fauno insiste, podem-se elaborar as seguintes hipóteses:

- a) Tumnus poderia estar curioso com a presença de uma “filha de Eva”, isto é, uma humana em sua terra, uma vez que esta era uma espécie rara em Nárnia.
- b) A criatura gostaria de esconder a humana por saber do que a Feiticeira Branca seria capaz de fazer, caso a encontrasse.
- c) Ele poderia estar pensando em trocar a criança com a “Rainha” por algo de maior valor, ou por alguma vantagem junto a seu reino, ou ainda ele sabia que poderia ser incriminado e penalizado caso não a entregasse.

Por não conseguir convencer Lúcia tão facilmente, ela demonstra certo conhecimento sobre não acompanhar pessoas estranhas, ensinamento muito repetido pelos adultos em todos os tempos da humanidade. A primeira tática, a de convidar para um chá, falha cruelmente, o que leva a criatura a tentar convencê-la “pelo estômago”. Tumnus começa, então, a enumerar guloseimas que poderia servir,

sendo “torradas, chá, bolos e sardinhas”. No enunciado do personagem, aparecem repetidas vezes o aditivo “e”, que pode ser interpretado como desespero ante o fracasso de não conseguir o consentimento da garota em acompanhá-lo.

Ele percebe que esta estratégia também não será bem-sucedida e, resolve então, mudar a linha de raciocínio, apelando para o sentimentalismo da criança, que vem demonstrando doçura e ingenuidade. Ao apelar para a amizade, talvez o fauno não esteja apenas quebrando a argumentação familiar de Lúcia, de que ela não deve acompanhar estranhos, pois ele se coloca como amigo dela, isto é, alguém confiável, que jamais faria mal a ela. Ao chamá-la de amiga, o fauno pode estar fazendo ainda mais, pois ele a chama ao compromisso de se visitar os amigos e faz com que ela se sinta protegida.

Enquanto toma chá com Tumnus, ele se oferece para tocar uma música em um tipo de flauta. Por conta da tranquilidade transmitida pela melodia e do fogo na lareira que se movimenta formando figuras dançantes, a garota acaba adormecendo. Isso foi um feitiço para denunciar Lúcia à Feiticeira Branca e, impedi-la de escapar. Este é o evento desencadeado do ato persuasivo. No entanto, logo após Lúcia adormecer, Aslam surge no fogo, interceptando a mensagem.

Quando a garota acorda, encontra o Fauno cabisbaixo por tê-la sequestrado para a Feiticeira e a criança, muito inteligentemente, vale-se do mesmo ato que a persuadiu a acompanhar o fauno, pois ela apela para o sentimentalismo e declara: “Achei que fosse meu amigo” (NÁRNIA, 2004). Este enunciado foi suficiente para convencê-lo a arriscar a própria pele e desafiar as ordens da Feiticeira com o objetivo de salvá-la.

Lúcia apelou para a consciência de Tumnus, que estava em crise no momento em que ela retoma os sentidos e, se aproveitando disso,

ela reproduz o ato que a persuadira a acompanhá-lo. Mais uma vez, a doçura e a inocência pueris foram suficientes para que a Destemida alcançasse seus objetivos. Após ouvir o apelo infantil, a criatura mítica corre com Lúcia pela floresta e a deixa junto ao farol onde se encontraram. Ela, então, retorna ao guarda-roupa.

2.3 DE VOLTA À MANSÃO DO PROFESSOR

Quando chega ao guarda roupa, Lúcia está desesperada, pois se passaram várias horas, e todos deveriam estar preocupados com sua ausência. Assim, ela ignora que Pedro ainda está contando, aproximando-se do número 100 (cem) na verdade, e estraga a brincadeira ao sair gritando que estava bem.

Em sua inocência, Lúcia relata sua experiência em Nárnia, mas ninguém acredita. Então, ela tenta convencer seus irmãos, com declarações como: “Não foi minha imaginação” (NÁRNIA, 2004); “Eu não mentiria sobre isso” (NÁRNIA, 2004) e, “Mas eu estive mesmo lá!” (NÁRNIA, 2004). Por ser algo inaceitável no mundo real, todos se irritam com Lúcia, e Edmundo, Pedro e Susana acabam discutindo, pois o Justo satiriza a irmã e, para piorar a situação, Pedro afirma que Edmundo é imaturo, o qual responde com grosserias. É Susana quem encerra a discussão.

Pode-se perceber que, pelo fato de a mulher ter finalizado uma briga que, naquele contexto (décadas de 1930/1940), era papel feminino manter o equilíbrio em família. Os homens eram mais explosivos, autoritários e faziam o que bem entendiam, pois eles mantinham a esposa submissa e obediente. Era função feminina cuidar da casa – alimentação inclusa – do marido e dos muitos filhos que nasciam. Assim, era costume as mulheres terem o instinto protetor aflorado.

2.4 LÚCIA E EDMUNDO EM NÁRNIA

Durante a madrugada, Lúcia estava acordada e foi sozinha, revisitar Nárnia. Entretanto, ela não percebeu que Edmundo a seguira. Este acabou encontrando-se com Jadis, a Feiticeira Branca.

Ao avistar o garoto, o cocheiro do trenó da Feiticeira o aborda e tenta matá-lo, mas ela ordena que ele espere. Então, a Feiticeira apresenta-se carinhosa e prestativa. Quando percebe que ele é humano, com seu jeito dissimulado e seus feitiços, ela aquece Edmundo, oferece bebida quente e doce. Assim, ela cria o contexto ideal e anuncia que gostaria de conhecer os outros irmãos de Edmundo, mas ele resiste. Então, ela apela para o discurso da mulher solitária: “Não tenho filhos meus, e você é o tipo de garoto que eu posso ver, um dia, virando príncipe de Nárnia, quem sabe até rei” (NÁRNIA, 2004). Este enunciado faz com que Edmundo se anime a ser príncipe ou rei, pois a expressão facial alegre seguida de um “Jura?” (NÁRNIA, 2004) são a resposta que Jadis procurava para continuar insistindo.

Parece haver no enunciado da Feiticeira certa ambiguidade, uma vez que para Edmundo ela deixa entender que ele pode ser rei ao herdar o reino dela. Porém, para o espectador, pode ser afirmado que ele poderá ser rei também ao acabar com o reino dela.

A Feiticeira continua insistindo: “Teria de trazer sua família” (NÁRNIA, 2004). O garoto se sente desanimado ao ouvir a condição que acabara de ser imposta e demonstra isso através do fechamento dos lábios, que até então, sorriam e, ao perguntar se seu irmão mais velho também seria rei.

Esse desânimo revela um trauma: Edmundo sente ciúmes e inveja de Pedro, que por ser mais velho, se tornou o responsável pela família. Talvez o Justo aceitaria a responsabilidade que foi inculcada ao outro, pois ele deixaria de ser um garoto e se tornaria “o pai” de família, não tendo que obedecer e sim mandar.

Jadis percebe que há algo estranho no relacionamento dos irmãos e afirma que Pedro seria apenas um servo. Isso foi o suficiente para que o ato persuasivo fizesse efeito no garoto ingênuo e um pouco ambicioso. Eles conversam um pouco mais, e Edmundo acaba revelando que sua irmã está em Nárnia, mais precisamente na casa do Sr. Tumnus.

A Feiticeira já havia alcançado seu objetivo e, então, deixa escapar partes da máscara que usava, revelando assim sua verdadeira índole ao gritar com o garoto que havia pedido mais doces. Para não ser totalmente desmascarada, ela retoma o discurso amável, afirmando que comer mais doces naquele momento poderia atrapalhar o apetite de Edmundo, que inocentemente concorda. Assim, ela garante o resultado de seu ato.

Edmundo e Lúcia se encontram ainda em Nárnia, a menina fica feliz ao ver o irmão. Assim, os dois acabam retornando de Nárnia juntos. Ela, muito feliz por ter apresentado a terra mágica ao irmão e por ele ter percebido que ela não mentira, e ele aparentemente pasmo pela proposta que acabara de receber.

2.4.1 Sobre as atitudes cotidianas da Feiticeira Branca

A personagem que se autodenomina *Rainha de Nárnia* é a mais complexa personagem da obra, pois ela é caracterizada pela frieza e pela tirania. E ela faz questão de enfatizar isso a todos, através da neve incessante que cai sobre a terra mágica. Jadis teme pelo que conquistou, ou seja, “o respeito” do narniano, pois para se manter no poder, ela precisa amedrontar e punir os infiéis a seus objetivos, mesmo que isso não lhe traga nenhuma glória, virtude, respeito adquirido ou honra.

A neve, que cai há séculos, entristece e desencoraja as pessoas de tentar lutar e este é mais um artifício de que a Feiticeira dispõe para

se assegurar no poder, uma vez que o frio exagerado pode causar dores nos ossos e na pele dos seres vivos, além claro de deixá-los mais indispostos. Essa é uma forma pela qual ela se garante como *Tirana de Nárnia*.

Através de congelamento (equivalente à morte) impiedoso, a déspota impõe respeito às frágeis e amigáveis criaturas que naquela terra residem, sendo apoiada apenas pelos possíveis mercenários que a serviam, e essa conclusão pode ser tirada de momentos como aquele em que seu gnomo de confiança é aprisionado pelos auxiliares de Aslam no lugar de Edmundo. O Gnomo, amordaçado e preso, após ser libertado pergunta se a Feiticeira não o matará. Essa pergunta exprime ao espectador que a Rainha não se importa com ninguém, exceto consigo mesma, pois é temida até mesmo pelos que têm que a auxiliar. E esta é uma maneira de se manter no poder, uma vez que acerca do príncipe e sua virtude, Nicolau Maquiavel (1996, p. 38), concorda que:

Não se pode propriamente chamar de virtù⁴ o fato de assassinar seus concidadãos, trair os amigos, não ter fé, piedade nem religião. Deste modo, pode-se adquirir poder, mas não a glória. [...] sua feroz crueldade e desumanidade, mais sua infinita malvadeza, não permitem que seja celebrado entre os homens excelentes.

Nárnia, cem anos pode ser equivalente a apenas alguns dias na Terra), o estilo de vida que ela aprendeu, e apreendeu, a tornou infeliz e, por isso mesmo, uma mulher sem escrúpulos. Assim, pode-se dizer que ela é produto do meio, pois segundo Jean Paul Sartre (1970, p. 21):

Não é verdade que o homem tenha liberdade de escolha no sentido em que, através da escolha, ele confere à sua atividade um significado que ela não teria de outro modo. Não basta dizer que homens podem lutar pela liberdade sem saber que estão lutando pela liberdade. [...] Pois, afinal de contas, se um homem luta pela liberdade sem o saber, sem formular para

⁴Terminologia usada por Maquiavel significando que virtù traz o conceito de moral

si mesmo, lucidamente, os meios que utiliza e os objetivos que pretende atingir, isso significa que os seus atos vão determinar uma série de conseqüências que se insinuam numa trama casual cujo princípio e fim ele não capta, mas que, apesar de tudo, encerra sua ação e lhe confere um sentido, em função da atividade dos outros; e não apenas dos outros homens, mas do meio natural em que esses homens agem.

Por, talvez, ter sido reprimida durante a infância toda, parece que ela foi afastada das possibilidades de amizade e de amor em sua existência, conhecendo assim apenas a frieza que tomou conta de seu coração e de sua vida e, que se exteriorizou por toda Nárnia. Ao que parece, a Feiticeira Branca “congelou” Nárnia como uma forma inconsciente de pedir socorro, ao mesmo tempo em que tentava conscientemente se promover déspota.

São justamente esses traços reprimidos que ela enfatiza no momento em que encontra Edmundo, uma vez que, por mais que estivesse dissimulando, ela poderia também estar revelando suas questões psicológicas.

2.5 DE VOLTA À MANSÃO DO PROFESSOR

Ao retornar de Nárnia, Lúcia acorda seus irmãos, e Edmundo a faz passar por mentirosa, pois ele afirma que estava apenas brincando de imaginar Nárnia com a irmã. Isso faz com que ela saia correndo e chorando. Ela acaba esbarrando no Professor Kirke.

Como que procurando um pai verdadeiro, ela se abraça a ele e chora ainda mais, em busca de conforto e de proteção. Então, o Professor pede à governanta que lhe sirva um chocolate quente na cozinha, e leva Pedro e Susana para o escritório.

Os garotos explicam que Lúcia acredita que encontrou, dentro de um guarda-roupa, uma floresta. O Professor então pergunta como está a floresta, o que causa muito espanto nos garotos, que respondem

que é logicamente impossível acreditar na irmã; Pedro argumenta dizendo que Edmundo afirmara ser apenas brincadeira. O ato persuasivo começa a ocorrer quando o Professor faz a pergunta retórica: “Não é ele o que mais fala a verdade, é?” (NÁRNIA, 2004). Então, o professor acreditar nela?” O Professor então rebate, finalizando a discussão: “Ela é sua irmã, não é? Sua família! Podia tentar agir como se fosse!” (NÁRNIA, 2004).

Nessa cena, o ato persuasivo ocorre graças à figura e à argumentação do Professor. Somente pelo fato de ter o título de Professor, conclui-se que Kirke é um personagem muito sábio. Os cabelos brancos também confirmam essa postura. A argumentação do professor, baseada no caráter e doçura de Lúcia, que se sentira injustiçada e angustiada perante a calúnia do irmão, faz com que Susana e Pedro repensem a situação.

Na manhã seguinte, os garotos brincam de baseball no jardim e, por acidente, a bola bate na vidraça e a quebra, o que desperta a ira de Marta. Então, todos precisam se esconder e acabam entrando no guarda-roupa mágico, chegando assim em Nárnia.

2.6 VIVENDO EM NÁRNIA

Ao entrar na terra mágica, Pedro se desculpa com Lúcia por não acreditar nela. A criança aceita e atira uma bola de neve nele, e ele devolve-a, atirando-a em Lúcia. Todos estão brincando, exceto Edmundo. Susana percebe que o irmão do meio está alheio à brincadeira e joga neve nele, que apela e atrai a atenção de Pedro, que o chama de mentiroso e o intimida com o enunciado em tom severo: “Peça desculpas à Lúcia!”. Como Edmundo se mantém calado, Pedro grita, enquanto caminha em direção ao irmão: “Peça desculpas à Lúcia!” (NÁRNIA, 2004). Edmundo cede.

O ato persuasivo ocorre porque mais uma vez Pedro se posiciona

como pai, conforme evento decorrido da persuasão de sua mãe e, afim de resolver uma situação tensa, ele percebe que precisará ser duro. Considera-se possível que, se Edmundo não tivesse obedecido, Pedro teria, assim como um pai das décadas de 1930/40, partido para a agressão física, como forma de educação ao filho desobediente.

Após Edmundo se desculpar, os ânimos se acalmam e Susana pede para retornarem à mansão, mas o próprio Edmundo sugere: “Nós devíamos pelo menos dar uma olhada” (NÁRNIA, 2004). Tal sugestão é o evento do ato da Feiticeira Branca, uma vez que, cumpridas as promessas de Jadis, o Justo não precisaria mais obedecer aos irmãos, principalmente a Pedro, de quem ele provavelmente sente inveja.

Como forma de acatar a sugestão de Edmundo e, ao mesmo tempo, de se redimir com Lúcia, Pedro deixa que a garota decida se eles devem permanecer em Nárnia ou voltar à mansão. Assim, ela lê a mensagem fixada em um pilar, constatando que o fauno fora acusado de traição por confraternizar com humanos. A mensagem é assinada por Malgrin, capitão da Polícia Secreta.

À conclusão da mensagem, Susana se desespera e declara “Chega! Agora, temos que ir embora!” (NÁRNIA, 2004). Lúcia questiona, em desacordo: “Mas e o Sr. Tumnus?” (NÁRNIA,

2004). Susana insiste: “Se ele foi preso só por estar com um humano, acho que não temos muito a fazer!” (NÁRNIA, 2004). Lúcia não se dá por vencida: “Você não entende, não é mesmo? Eu fui a humana! Ela deve ter descoberto que ele me ajudou!” (NÁRNIA, 2004). Pedro, cansado de ouvir as irmãs discutindo, sugere sem sucesso, chamar a polícia e, então, para encerrar a discussão, afirma: “Não se preocupe, vamos dar um jeito!” (NÁRNIA, 2004).

Nesse momento, um pássaro pousa na árvore que fica na frente do abrigo e chama a atenção dos quatro, que saem para verificar o que

poderia estar acontecendo. Então, um castor se aproxima, devolve o lenço que Lúcia emprestara ao fauno quando o visitou, e conversa com os irmãos, contando que conversou com Tumnus antes de o levarem. Ao perguntar se o fauno estava bem, Lúcia ouve por resposta apenas um “sigam-me” (NÁRNIA, 2004) em tom seco.

Pedro e Lúcia começam a acompanhar o Castor, mas Susana e Edmundo resistem e chamam os outros irmãos. Eles se reúnem e o Castor sussurra: “Melhor conversar num lugar seguro” (NÁRNIA, 2004). Lúcia completa: “As árvores podem ouvir” (NÁRNIA, 2004). Persuadidos pelos argumentos inquestionáveis, todos seguem o Castor. Além disso, nenhum deles gostaria de ser preso, como ocorreu com o amigo de Lúcia.

Enquanto estão na mesa com o Castor e a Sra. Castor, ele conta da volta de Aslam, mas os garotos não compreendem, então, Edmundo pergunta de quem se trata. O Castor, um tanto irritado, explica que Aslam é o rei de Nárnia e que aguarda os quatro na Mesa de Pedra, isto é, uma mesa de sacrifícios.

Os jovens ficam muito surpresos e pasmos, o que faz com que o Castor revele que o retorno de Aslam, a prisão de Tumnus e a criação da Polícia Secreta são os sinais de que está para se cumprir a profecia. Como as crianças continuam embasbacadas, o Castor se irrita ainda mais e a Sra. Castor toma a palavra e revela que a profecia é a de que dois filhos de Adão e duas filhas de Eva derrotariam a Feiticeira Branca e trariam paz a Nárnia.

Pedro está chocado, e mais chocado fica quando descobre que Aslam já preparou o exército dos quatro irmãos, pois eles se dão conta de que deverão lutar como adultos, quebrando assim a promessa que fizeram à mãe, de que se cuidariam e seriam bons.

Como o intuito desse ato era persuadir os garotos a lutarem, Su-

sana se posiciona defensivamente: “Mamãe nos deixou para não nos envolvermos numa guerra!” (NÁRNIA, 2004). Ao invocar a figura sacra da mãe, Susana trouxe os irmãos à realidade, isto é, eles não pertenciam àquele mundo, eles tinham vida própria, tinham mãe a quem deviam obedecer e que confiara a Pedro o dever de cuidar dos mais novos e, eles têm o pai na guerra.

O evento desencadeado pelo ato de Susana fez com que Pedro se desculpasse, se despedisse juntamente com Susana e, ambos se levantassem para voltar à mansão. Foi neste momento que notaram a ausência de Edmundo.

O Castor sabia que o irmão agora ausente tinha partido ao encontro da Feiticeira Branca e, por isso, levou os outros três até o castelo dela, onde Lúcia gritou pelo irmão e foi repreendida pelo pastor com um “Shh, vão ouvir você!” (NÁRNIA, 2004). Neste momento, Pedro tenta correr, mas é agarrado pelo Castor que grita: “Não!” (NÁRNIA, 2004) e tem por resposta: “Me larga!” (NÁRNIA, 2004). Pedro está desesperado para resgatar o irmão, mas o que o acalma é a tréplica do Castor: “Está fazendo o que ela quer!” (NÁRNIA, 2004). Susana interfere: “Não podemos deixá-lo entrar!” (NÁRNIA, 2004). Lúcia completa: “É o nosso irmão!” (NÁRNIA, 2004). O Castor, racional, conclui: “Ele é isca! A Feiticeira quer vocês quatro” (NÁRNIA, 2004). Pedro ainda tenta entender: “Pra quê?” (NÁRNIA, 2004) e o animal explica: “Para impedir que a profecia se realize; matá-los!” (NÁRNIA, 2004).

Nessa cena, um tanto tensa, o evento ocorre mediante o verbo matar, pois até este momento, ninguém estava realmente disposto a deixar Edmundo seguir sozinho. Foi somente através da imagem forte que o Castor conseguiu paralisá-los e fazer com que os irmãos voltassem a raciocinar adequadamente.

Susana e Pedro estão irritadíssimos e começam a discutir porque ela o culpa pelo que está acontecendo ao irmão. Os dois trocam alguns incoerentes argumentos até que Lúcia intervém: “Parem! Isso não vai ajudar o Edmundo” (NÁRNIA, 2004). O ato de Lúcia encerrou de vez a discussão dos irmãos mais velhos. Estes mais pareciam um casal que não criou bem os filhos, e ficavam jogando a culpa no outro pela própria falibilidade e inexperiência.

O Castor concorda e afirma: “Só Aslam pode ajudar seu irmão agora!” (NÁRNIA, 2004). Assim, o contexto de persuasão é garantido pelo desespero e o estado em que a vida daqueles jovens se encontra: separados por ideias de um povo oprimido e pelo poder de uma tirana opressora e déspota, suas vidas viraram de pernas para o ar por conta da necessidade alheia, uma vez que eles são a chave do destino daquela terra mágica.

Enquanto isso, dentro do castelo, Edmundo se depara com várias esculturas de gelo. Sem entender o significado daquilo, o menino acha estranho e engraçado, uma vez que, ingenuamente, desenha um bigode e óculos em uma delas. Ele acaba esbarrando em Malgrin, um lobo que late e esbraveja: “Parado, estranho! Ou não se moverá mais! Quem é você?” (NÁRNIA, 2004). O garoto, sentindo que estavam sendo perseguidos, diz: “Rápido, mãe! Estão atrás de nós” (NÁRNIA, 2004). Ela é persuadida prontamente, pois ela recebe a notícia de que está correndo perigo. Assim, arruma o que precisa e fogem por um túnel que o Castor e o Texugo cavaram.

Ao escaparem do túnel, os fugitivos encontram uma raposa que os ajuda e afirma que foi enviada pelo Aslam para reunir as tropas. Isso faz com que o Castor novamente tente convencer Pedro a ficar e lutar: “Não iremos à guerra sem você” (NÁRNIA, 2004).

Já na prisão, Edmundo conhece o Sr. Tumnus e conversam sobre

Lúcia. A conversa é interrompida com a chegada de Jadis, que tenta matar Edmundo por ele não ter mais informações. Para se defender ele grita: “Espera!” (NÁRNIA, 2004), e acaba dando informações sobre Aslam. A Feiticeira ordena aos guardas que o fauno seja levado para cima. Enquanto os guardas o agarram, ela declara a Tumnus que Edmundo o entregara por docinhos. A persuasão ocorreu por conta do imperativo que Edmundo usou, safando-se, assim, do congelamento. Jadis espera Edmundo no trenó. Este vê Tumnus congelado e se assusta, mas não demonstra reação.

Enquanto os irmãos seguem caminho para o acampamento de Aslam, surge atrás deles um trenó, que faz com que a Sra. Castor grite: “Olhem para trás! É ela!” (NÁRNIA, 2004). Todos correm e se escondem em silêncio, o Castor vai verificar quem os seguira e volta, chamando as crianças e sua esposa. Eles se encontram com Papai Noel, que distribui armamentos para os irmãos. Neste momento, Lúcia se revela amedrontada pela batalha que terá de lutar, e Papai Noel garante que ela não terá medo. Daí veio seu título de “A Destemida”.

Ao chegar ao rio, este está com uma fina camada de gelo, cujas placas estão se soltando aos poucos. Então, Pedro ordena: “Vamos atravessar, agora!” (NÁRNIA, 2004). Susana resiste: “Espere, quer pensar no assunto um minuto?” (NÁRNIA, 2004). Pedro rebate: “Não temos um minuto!” (NÁRNIA, 2004). E, assim, o Magnífico convence as irmãs, pois eles tinham de ser rápidos. Enquanto estavam passando, os irmãos são cercados por lobos, e o capitão da Polícia Secreta tenta dissuadi-los de lutar: “Abaixe isso rapaz! Alguém pode se ferir!” (NÁRNIA, 2004).

O Castor, mordido por um lobo, argumenta: “Não se preocupe comigo. Acabe com ele!” (NÁRNIA, 2004). Malgrin retruca: “Saíam enquanto podem, e seu irmão vai com vocês!” (NÁRNIA,

2004). Susana confiando na palavra do lobo suplica: “Pare, Pedro! Melhor fazer o que ele mandou!” (NÁRNIA, 2004). O Castor continua tentando convencer Pedro a lutar: “Não acredite nele! Mate-o! Mate-o agora!” (NÁRNIA, 2004). O lobo apela: “Ora, por favor! Esta guerra não é sua! Minha rainha só deseja que pegue sua família e sumam” (NÁRNIA, 2004). Susana apoia: “Olha, de você! Mate-o enquanto ainda tem chance” (NÁRNIA, 2004). O lobo questiona se vai ter que lutar. Nisso, a cachoeira do rio descongela, dando fim à luta e levando todos na correnteza.

Pode-se perceber que, tanto os lobos quanto os humanos não estavam dispostos a lutar, pois eles sabiam que o terreno era perigoso e, Pedro especialmente, poderia duvidar se conseguiria. Então, não atacar o lobo foi uma forma de se ganhar tempo e não colocar propositamente sua família em risco.

Enquanto os irmãos descem o rio em uma placa de gelo, Lúcia desaparece por alguns instantes, mas logo retorna. A paisagem que veem remete à vida, pois as árvores estão cheias de folhas verdes e flores, e já não há gelo.

A Feiticeira Branca está observando a paisagem quando os lobos trazem a raposa, traidora da tirana. O animal pede perdão à majestade e a mulher reclama. A raposa se desculpa, então, e diz que não estava falando com ela. Nisso, Jadis tenta matar o animal, mas Edmundo interfere: “Espere! Não! Não! O Castor falou de uma Mesa de Pedra, que Aslam tinha um exército lá!” (NÁRNIA, 2004). A Feiticeira ouviu a informação, mas ainda congelou a raposa, que olhava tristemente para o menino.

Os irmãos chegam ao acampamento e são recebidos por Aslam, que descobre a traição de Edmundo. Aslam e Pedro estão a sós, enquanto o primeiro mostra o castelo, Cair Paravel, em que os irmãos

serão reis. Então, para persuadir Pedro a lutar afirma: “Pedro, existe uma magia profunda, mais poderosa que nós, que governa Nárnia. Ela separa o certo do errado e guia todos os destinos o seu e o meu” (NÁRNIA, 2004). Pedro retruca: “Mas nem pude proteger minha família” (NÁRNIA, 2004). Aslam argumenta: “Trouxe-os em segurança até aqui” (NÁRNIA, 2004). Pedro rebate: “Nem todos” (NÁRNIA, 2004). O leão afirma: “Pedro vou fazer o possível para ajudar seu irmão, mas preciso que pense no que peço a você. Eu também quero minha família segura” (NÁRNIA, 2004). Através destes enunciados, o Leão abre o coração acerca do perigo que sua família, ou seja, os habitantes de Nárnia que nele confiam, enfrentarão e a que possivelmente sucumbirão. Ele faz um apelo de modo que Pedro se apiede e se torne o herói da profecia.

Enquanto Pedro e Aslam conversam, as garotas brincam no rio e são surpreendidas por Malgrin e outro lobo, que tenta matá-las: “Por favor, não tentem correr! Estamos cansados e preferimos matá-las rapidamente” (NÁRNIA, 2004). Suzana toca a corneta e as meninas sobem em uma árvore. A conversa de Pedro e Aslam é interrompida e eles partem para o local de onde veio o som.

Ao chegar onde as rainhas se encontram, o lobo tenta desencorajar Pedro, dizendo: “Por favor! Nós já passamos por isso antes! Sabemos que você não tem coragem!”. Ao fazer tal afirmação, Malgrin estava tentando facilitar seu trabalho, pois sabia que não poderia vencer Pedro o lobo. O Capitão centauro Azórius ameaça matar Malgrin, mas Aslam ordena: “Não! Guardem as armas! Esta batalha é de Pedro” (NÁRNIA, 2004). Nisso, Malgrin ataca Pedro e é morto pela espada. O outro lobo foge e é seguido.

Então Pedro é feito Cavaleiro de Nárnia, *Sir Pedro Ruína dos Lobos*. Tal título impressiona a todos e faz com que Pedro se sinta mais confiante para as novas batalhas que terá de enfrentar. O lobo leva

o centauro e outros guerreiros até Edmundo, que é resgatado. Eles prendem e amordaçam o Gnomo de confiança da Feiticeira, exatamente no mesmo local em que se encontrava o garoto.

Os irmãos se reencontram e enquanto se alimentam, Pedro afirma. “Preparem alguma coisa para viagem de volta” (NÁRNIA, 2004). Susana se surpreende: “Vamos para casa?” (NÁRNIA, 2004). Pedro responde: “Vocês! Eu prometi a mamãe que ficariam seguros. Não quer dizer que eu não possa ficar para dar apoio” (NÁRNIA, 2004). Lúcia argumenta: “Mas precisam de nós! De todos nós!” (NÁRNIA, 2004). O irmão continua tentando convencê-los a partir: “Lúcia, é muito perigoso! Você quase se afogou, e Edmundo quase foi morto” (NÁRNIA, 2004). Edmundo intervém: “É por isso que temos que ficar. Vi o que a feiticeira pode fazer e ajudei a fazer. Não podemos permitir que esse povo sofra por isso!” (NÁRNIA, 2004). Susana conclui: “Então já está decidido” (NÁRNIA, 2004). E foram treinar. É neste momento que Edmundo se torna o Justo, pois ele reconhece que errou ao se juntar a Jadis e, está disposto a se redimir perante seus irmãos, a Aslam e a todos os narnianos. O garoto é quem persuade Pedro e Susana a ficarem, até porque Lúcia pretendia ficar desde o início.

O treino foi interrompido pelos castores, que disseram que a Feiticeira Branca se aproximava para um encontro com Aslam. Ela chega e imperativa comunica: “Você tem um traidor entre os seus, Aslam!” (NÁRNIA, 2004). Ele retruca: “A ofensa dele não foi contra você!” (NÁRNIA, 2004). Ela ironiza: “Vejo que se esqueceu das leis sobre as quais Nárnia foi construída”. (NÁRNIA, 2004) Ele rosna: “Não cite a magia profunda para mim, Feiticeira! Eu estava lá quando foi escrita!” (NÁRNIA,

2004). Ela continua: “Então, se lembra bem de que todo traidor pertence a mim? O sangue dele é minha propriedade!” (NÁRNIA,

2004). Este último enunciado irrita Pedro, que ameaça: “Tente pegá-lo!” (NÁRNIA, 2004), fazendo com que o general da Feiticeira ficasse em posição de ataque. Ela (NÁRNIA, 2004) continua:

Acredita mesmo que a força bruta irá tirar o meu direito, *reizinho!* Aslam sabe que a menos que eu tenha o sangue dele, como manda a lei, toda a Nárnia será subvertida e perecerá em fogo e água! Esse menino morrerá na Mesa de Pedra como diz a tradição! Não ouse recusar.

O leão ordena: “Basta! Quero falar com você a sós!” (NÁRNIA, 2004). Nesse momento, a Feiticeira Branca ocupa a posição de vítima e de promotor de justiça, uma vez que por haver essa lei, de que todo o traidor a ela pertence, ela vem exigir seus direitos, ao mesmo tempo em que, a contragosto, reconhece a possibilidade de a profecia se cumprir. Assim, ela que, ao ganhar a confiança de Edmundo, fez com que ele traísse a Aslam e aos próprios irmãos, agora, vem exigir o sangue dele, para evitar o cumprimento da profecia e garantir-se no poder. Após a conversa, Aslam e a feiticeira saem e todos comemoram porque Edmundo será poupado. Lúcia percebe que há algo errado.

À noite, o Leão passa perto da cabana das meninas, que decidem segui-lo. Ele percebe as garotas e aprecia a companhia por um tempo. No entanto, em determinado ponto, ele afirma: “É a hora! Daqui devo seguir sozinho!” (NÁRNIA, 2004). Susana tenta argumentar: “Mas, Aslam...” (NÁRNIA, 2004). Ele a interrompe: “Tem que confiar em mim, pois deve ser feito. Obrigado Susana, obrigado Lúcia. Adeus!” (NÁRNIA, 2004). Susana nota que há algo errado e Lúcia confirma sua suspeita. O discurso do Leão é imperativo e ambíguo, pois deixa subentendido que as garotas sabiam o que ele iria fazer, apesar de elas apenas quererem acompanhá-lo. É neste momento, que a irmã mais velha se torna a Gentil, pois aceita que Aslam deve continuar sozinho. Susana e Lúcia seguem-no à distância, e este vai ao encontro da Feiticeira Branca, em um ritual macabro.

Com a autorização de Jadis, o General do exército derruba o Leão, e todos obedecem prontamente à ordem: “Amarrem o animal!” (NÁRNIA, 2004). Existe aqui um espetáculo parecido com aqueles muito apreciados pelo povo, que se viam tanto na Idade Média, ou seja, período marcado pela Santa Inquisição Católica, em que pessoas eram cruelmente executadas em praça pública, quanto no Circo Romano do início da Era Cristã, em que os cristãos tinham de enfrentar feras para divertir a ignorante população.

A Feiticeira dá nova ordem: “Tirem todo o pelo dele” (NÁRNIA, 2004). Tal discurso dialoga com situações que ocorriam no Japão feudal, em que se considerava uma desonra aceita quando se cortava o cabelo de um samurai pela ordem de um superior, que tinha necessidade de humilhar, pois o samurai que praticava atos desonrosos para o seu próprio código de honra – bushido – cometia o Haraquiri ou o Seppuku (suicídio) como forma de lavar a honra. A ordem expressa pela feiticeira é uma forma de destronar e desonrar Aslam, uma vez que a juba é a coroa natural do rei dos animais.

A rainha o sacrifica e avisa que tomará Nárnia pela manhã. As garotas passam a noite ao lado do corpo do Leão e, através das árvores, avisam aos futuros reis sobre a morte e a batalha iminente.

Pedro, no acampamento, confirma a morte, e Edmundo tenta animá-lo: “Agora, você é o novo líder, Pedro. Tem um exército lá fora, pronto a seguir você! (NÁRNIA, 2004)” Pedro discorda: “Eu não posso!” (NÁRNIA, 2004). O Justo insiste: “Aslam acreditava em você e eu também!” (NÁRNIA, 2004). Azorius comanda: “Dê as ordens!” (NÁRNIA, 2004).

O evento, fruto do ato persuasivo de Edmundo e Azorius, leva Pedro a se encorajar por Nárnia. Mais uma vez é de Pedro a responsabilidade pela segurança, pelo sucesso ou o fracasso de todos. É

preciso que ele demonstre maturidade e coragem para enfrentar o exército inimigo.

Já no campo de batalha, o exército de Nárnia aguarda a chegada da Feiticeira, que surge vestindo a juba de Aslam, como troféu e uma forma de autoafirmação, pois ela usa a verdadeira coroa de Nárnia. A batalha, típica, começa com muita violência.

Já na Mesa de Pedra, Susana e Lúcia acordam e a mais velha constata: “Temos que ir” (NÁRNIA, 2004). Sem discordar, Lúcia comenta: “Está frio!” (NÁRNIA, 2004). Neste enunciado, fica evidente que sem Aslam não há esperança e, sem esperança, o exército de Nárnia se enfraquece, enquanto que o domínio da Feiticeira Branca se estende e se fortalece.

As garotas se afastam da Mesa de Pedra, quando esta se parte e o corpo de Aslam desaparece. O sol brilha forte por entre um portal e Aslam ressurgiu majestoso, com sua juba intacta. Após a ressurreição, Aslam explica que se um inocente se entregasse em sacrifício no lugar de um traidor, a pedra se partiria e a morte poderia ser revogada. Eles rumam para o castelo da Feiticeira, e Aslam desperta todos os que foram congelados.

As nobres ações de Aslam, ou seja, um inocente que se deixou humilhar, se entregou ao sacrifício para garantir a salvação de Nárnia, e a ressurreição parecem dialogar com as ações de Jesus Cristo, que, de acordo com o discurso cristão, mesmo inocente, se deixou humilhar, se sacrificou e ressuscitou para salvar a humanidade.

Em Nárnia, a luta continua e, para fazer Pedro, que foi derrubado, ganhar tempo, Azorius mata o general da feiticeira e a ataca, sendo assim, congelado. Após se posicionar, Pedro ordena: “Edmundo, eles são muitos, saia já daqui! Pegue as meninas e leve-as para casa” (NÁRNIA, 2004). O Castor, persuadido, sai arrastando Edmun-

do, que o ignora e volta para continuar lutando, pois ele percebe a aproximação da feiticeira.

O Justo corre para enfrentar a maga, que acaba ferindo-o. Pedro corre para enfrentá-la, mas a luta é interrompida pela chegada de Aslam e seu exército de recém-descongelados. A luta prossegue e Jadis derruba Pedro e fere seu braço, o que faz com que ele acabe soltando a espada. Ele se defende com o escudo, e ela sucumbe ao ataque do Leão, que vence a guerra. Lúcia cura a todos os feridos do campo de batalha.

Já no Cair Paravel, o castelo dos quatro tronos, Aslam apresenta os novos reis de acordo com os pontos cardeais, sendo: “Rainha Lúcia, a Destemida, coroada pelos mares orientais” (NÁRNIA, 2004). Em seguida, vai até o mais jovem: “Em nome dos bosques do ocidente, rei Edmundo, o Justo” (NÁRNIA, 2004). Então, passa para a irmã mais velha: “Em nome do radiante Sol do sul, rainha Susana, a Gentil” (NÁRNIA, 2004). E, finalmente, para o irmão mais velho: “Em nome do Céu do norte, rei Pedro, o Magnífico” (NÁRNIA, 2004).

Aslam vai embora após a coroação e Lúcia se entristece. Tumnus chega e a acalma: “Não se preocupe, vamos vê-lo outra vez”. Lúcia então pergunta: “Quando?” (NÁRNIA, 2004). Ele responde: “Na hora certa, um dia ele estará e no outro não” (NÁRNIA, 2004). O tempo passa e os reis crescem. Já adultos estão caçando um alce e veem o poste de iluminação que fica próximo ao guarda-roupa mágico. Então, os adultos voltam e se transformam em crianças.

2.7 O RETORNO À INGLATERRA

Ao deixar o armário, os reis, já adultos voltam a ser crianças, pois eles precisam resolver a questão da vidraça quebrada, uma vez que a governanta e o Professor os esperam com a bola de *baseball* na mão.

Essa é outra maneira de se afirmar que o tempo não passou na Terra, pois eles não esperariam tranquilamente por dias.

Quando voltam a ser crianças, Kirke pergunta como fora a viagem a Nárnia, e as crianças afirmam que ele jamais acreditaria. Assim, encerra o filme, mas enquanto estão passando os créditos, há uma nova cena em que Lúcia tenta voltar à terra mágica, mas o portal já não funciona. Então, ela se depara com Kirke, que chateado em um canto, afirma já ter tentado também. Ambos saem da sala do guarda-roupa mágico, e ouve-se o rugido de Aslam. Assim, encerra-se realmente, o filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das teorias de Bakhtin sobre gêneros e vozes do discurso e da teoria do ato/atividade e evento foi possível a realização de uma análise crítica do filme *As Crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*.

Essa análise primou pelo ato persuasivo e pelo evento que dele resultou. Também foi essencial propor uma interpretação das motivações e da personalidade da Feiticeira Branca, personagem mais complexa do filme, como justificativa para seu comportamento.

Além disso, pode-se perceber o momento em que cada personagem ganhou o título atribuído por Aslam na coroação, pois cada personagem precisou se superar e amadurecer dentro de seus limites, deixando de lado as próprias quimeras para ajudar Nárnia a se tornar uma terra governada com amor e liberdade.

É importante ressaltar que as hipóteses levantadas e trabalhadas não são únicas, e que cada espectador terá a sua interpretação do filme, pois cada ser sofre experiências que são individuais, mas também são universais, parafraseando Adail Sobral (2005). Também, faz-se

necessário enfatizar que, por meio de um resumo, foram levantados atos e discursos persuasivos. No entanto, existe a consciência de que, por falta de tempo e espaço no artigo, não foram trabalhados todos os aspectos persuasivos, dentre eles, os tempos em questão, o espaço e demais elementos. Assim, este artigo é fruto da atividade crítica de leitora/espectadora ativa, cujas experiências foram consideradas.

REFERÊNCIAS

AS CRÔNICAS de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa. Direção: Andrew Adamson. Produção: Mark Johnson Philip Steuer para Walt Disney Picture e Walden Media. Hollywood: 2004. 1 DVD (143.)

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. Disponível em: www.ateus.net. Acesso: 26 ago. 2010.

SOBRAL, A. *Ato/atividade e evento*. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chaves*. São Paulo: Contexto, 2005.